

VISÃO DO CORREIO

Assédio eleitoral segue ameaçando a democracia

Dia de eleição na República Velha. Reunidos nos chamados currais eleitorais, homens festejavam até serem levados à seção e exercerem o restrito direito ao voto. Escolhiam os escolhidos por terceiros e, por isso, passaram a ser conhecidos como eleitores de cabresto — em referência ao arreio colocado na cabeça de cavalos e bois para guiá-los. Com os avanços civilizatórios — incluindo a implementação do voto secreto e da participação das mulheres no pleito —, a prática foi perdendo força no Brasil, mas definitivamente não ficou no passado. Vai ganhando nova roupagem, desvirtuando o princípio da igualdade democrática e desafiando a Justiça, que alerta, inclusive, sobre o aumento em curso desse tipo de crime.

Desde o início deste ano, a Procuradoria-Geral do Trabalho recebeu 463 denúncias de assédio eleitoral, quase cinco vezes mais do que foi contabilizado no mesmo período das eleições presidenciais de 2022. A tendência é de que os casos explodam em outubro, seguindo o acirramento da disputa pelo segundo turno. Em 2022, das 3.371 denúncias registradas, 2.639 (quase 80%) se deram no mês do pleito. Mesmo sem terminar, este setembro acumula 199 denúncias, praticamente a soma de agosto (135), julho (46) e junho (26).

Um outro levantamento, da Justiça do Trabalho, detalha como se dá o assédio eleitoral nos dias de hoje. Tendo como partida os dados de 2023, concluiu-se que a maioria dos crimes ocorre de forma virtual — sendo o WhatsApp o principal meio tecnológico utilizado. O curral agora é digital, com pressão para a participação em

grupos de propaganda política, para o envio de conteúdos eleitoreiros e até a exigência de colocar referências a candidatas no status pessoal — uma releitura dos famosos “santinhos”.

Junta-se à prática o que especialistas chamam de terror psicológico, com narrativas catastróficas a partir do resultado do pleito. A diferença é que a nova coação conta com a inteligência artificial (IA) para alimentar a desinformação em larga escala, mitigando suspeitas quanto à veracidade das ameaças. Tende a funcionar. De tão sofisticados, os deepfakes e outras armadilhas tecnológicas deixam até especialistas cismados, que dirá o trabalhador preocupado em não perder a subsistência. Ao **Correio**, a procuradora do trabalho Geny Helena Marques traz outra facilidade que evidencia a perversidade da prática: a maioria dos assediadores emprega profissionais mais vulneráveis, como prestadores de serviço em vigilância e limpeza.

Há de se reconhecer o esforço da Justiça e do Ministério Público para coibir o assédio eleitoral. Firmou-se, por exemplo, parceria para o compartilhamento de dados, recebimento de denúncias e articulação interinstitucional. Ainda assim, até pela velocidade com que o assédio se propaga, cresce a sensação de pleito sem lei, ao ponto de assediadores exibirem o crime nas redes sociais sem qualquer tipo de constrangimento. Trata-se de ameaça explícita à essência da democracia, que exige resposta célere e à altura. Punir os coronéis da modernidade é manter viva a confiança na legitimidade do processo eleitoral e, sobretudo, na inadmissibilidade de retrocessos humanitários.



RICARDO DAEHN
ricardo.daehn@cbnet.com.br

Ideias insepultas

Hoje seria dia de realizar a missa de sétimo dia referente à morte de um dos mais ilustres documentaristas do mundo: o chileno Patricio Guzmán, morto aos 85 anos, passada a vida dedicada a esclarecer nuances nas mortes dos opositores a regimes ditatoriais. Muito acima do embate direto e da defesa apaixonada por causas políticas, Guzmán se expressou no campo poético, numa fase mais contemporânea — na qual brindou espectadores com filmes como *Nostalgia da luz* (2010) —, justo a partir do exame de covas ou da falta delas; tudo associado a crimes da ditadura.

Em *Nostalgia*, ele pisa o deserto para perseguir trilha do pó, do luto e da pobreza que arrasta as Mulheres de Calama, afundadas em areia, ao revolverem indícios dos corpos de entes mortos em duros regimes. Nada mais coerente para o diretor que trouxe à luz o monumental filme de denúncia da estruturação da ditadura no Chile (o clássico *A batalha do Chile*, adensado entre 1975 e 1979). E foi assim, estruturando uma carreira de alertas quanto ao efeito dos votos de eleitores ou do saque do direto de eleições, que (num momento crucial para o Brasil) Guzmán crava seu legado.

Morto há sete dias, o cineasta ainda não foi sepultado. Ateu, ganhará homenagem, depois radicado na França por mais de 40 anos, no cemitério Père Lachaise, que acolheu ícones da estatura de Édith Piaf e Jim Morrison. Familiares e admiradores devem se despedir de Guzmán na próxima sexta-feira. Sintomático que o diretor fique pela França, país libertário que tão bem casa com sua obra magistral e que, para as Américas, integra um cânone, ladeada pela importância do argentino Fernando Birri (Tire dié) e do cubano Tomás Gutiérrez Alea (Memórias do subdesenvolvimento).

Ter entrevistado Guzmán, em meados dos anos 2010 (pela vitória de El botón de nácar no Festival de Berlim), me trouxe a janela para reflexões para este momento particular, na ressaca do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Modesto, o realizador afirmou: "Prêmios, na realidade, não significam muito para mim. O importante é que, com eles, o filme alcance maior propagação e haja mais distribuidores. A grande problemática dos documentaristas é a escassez de bons distribuidores e menos ainda de exibidores". A restrição mercantil não impediu, entretanto, que seu mais "relevante" (nas palavras dele) filme *A batalha do Chile* ganhasse o mundo. "Graças àquele filme, a direita chilena nunca poderá negar aquele momento extraordinário, quando a utopia e a política foram sinônimos, durante o governo de Salvador Allende", cunhou.

Qualidade e prestígio imperativos entre cineastas com temática latina esbarraram, segundo ensinamentos do atento Guzmán, em castigos comuns (nos países) da vigência do neoliberalismo econômico. Daí, o rompimento das pontes de comunicação internacional. Com a esquerda algo dormente, como opinou, "tudo se converteu num comércio". Na cartilha de Guzmán, o antídoto à essa praga estaria na formação de grupos independentes, aliado no trabalho "pela cultura, pela saúde e pelo aperfeiçoamento urbano".

Em tempos de eleições, é vital ouvir o vencedor de prêmio humanitário na Mostra de São Paulo, que, lucidamente, ressaltou: "A grande ideia da revolução dos anos 1960 tem sido realocada por rebeliões de tamanhos variados, por grupos de indignados, por gente rebelde que não aceita a corrupção das ideias ou mesmo a corrupção do dinheiro". Guzmán vive!



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Regiões administrativas

Tenho acompanhado diariamente no **Correio Braziliense** as propostas dos candidatos. Os candidatos tratam com mais destaques apoio a feiras, regularização e infraestrutura, meio ambiente, fila zero na saúde, mudanças na gestão pública, mobilidade urbana, geração de empregos. Sem dúvidas, todos temas importantes. Porém, até agora não percebi em nenhum deles propostas para promover o desenvolvimento econômico das regiões administrativas, tendo em vista as potencialidades locais. Esse olhar torna-se fundamental porque, ao apoiar com crédito e apoio gerencial principalmente para as micro e pequenas empresas, promoverá emprego e renda para os moradores locais, gerando emprego próximo às residências, consequentemente evitando deslocamentos para outros locais, principalmente para o Plano Piloto, com impactos importante na qualidade de vida, entre outros benefícios.

» **Manoel Alexandre**
Brasília

BRB

Sou brasileiro de coração; abri minha primeira conta no BRB em 1970; como servidor público, recebo meus vencimentos por meio dessa instituição bancária; eu e milhares de brasileiros. A situação do BRB não é confortável, e os dirigentes do DF têm tentado corrigir as falhas até então apontadas. A fala do presidente/candidato em nada ajudou — “a União não colocará dinheiro público federal para cobrir o rombo ou resgatar o banco distrital”. Como candidato, pode falar qualquer bobagem; como presidente (estadista), não. O Banco do Brasil (BB) é uma instituição bancária nacional; o BRB é nosso, do DF. Se o BRB quebrar, com ele, milhares de correntistas, como eu, também sofreremos. O presidente foi mal; o candidato escorregou e as pesquisas mostraram a queda.

» **Jair Tedeschi**
Vicente Pires

Alemanha

Há algumas semanas, diante da vitória do partido AfD na eleição da Saxônia-Anhalt, toda a imprensa mundial ficou alarmada com a volta da “extrema-direita”. Agora, na eleição em Berlim, ganhou o partido Die Linke, de extrema-esquerda, e a imprensa não mostra o mesmo pavor. O que motiva essa simpatia à extrema-esquerda e esse horror à extrema-direita se ambas usam exatamente os mesmos métodos? A saber: controle estatal, censura feroz, espionagem, perseguição, tortura, prisão por opinião política e eliminação dos contrários.

» **Roberto Doglia Azambuja**
Asa Sul

Técnicos estrangeiros

A contratação cada vez maior de técnicos estrangeiros pelos clubes brasileiros revela uma preocupação: muitos profissionais do país não acompanharam a evolução do futebol. Atualmente, um treinador precisa entender de tática, preparação física, análise de desempenho, tecnologia e gestão de grupo. No entanto, alguns técnicos brasileiros ainda dependem apenas da experiência como jogadores, da motivação e de métodos antigos. Os clubes

Editora: Carmen Souza // carmensouza.df@dabr.com.br
opiniao.df@dabr.com.br || **3214-1157**

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

O esporte já foi patrocinado por cigarro, por bebida e, agora, por bets. Praticar esportes é saudável. Consumir a publicidade, nem tanto.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Lula está certo ao querer o fim das bets. Elas tiram muito mais das famílias do que investem em futebol. E o futebol não vai falir com o fim das bets!

Marcos Paulino — Vicente Pires

Sindicato dos Rodoviários anuncia greve para a próxima segunda-feira. E tem candidato propondo tarifa zero sete dias por semana? Claro que essa conta não fecha!

William de Sousa — Brasília

Incêndio provocou explosão em embarcação no Lago Paranoá, diz Marinha. Estão acontecendo muitos acidentes com lanchas. Cadê a fiscalização?

Ana Maria de Faria — Brasília

PAS: 30 anos de uma ideia que mudou tantos caminhos, e um deles foi o meu. Graças ao PAS, hoje sou estudante da UnB. Que privilégio fazer parte dessa história!

Raissa Coutinho — Brasília

procuram estrangeiros porque acreditam que eles podem trazer novas ideias, organização tática e maior preparação profissional. Além disso, treinadores de outros países passaram a conquistar títulos no Brasil, aumentando a confiança dos dirigentes nesses profissionais. É importante destacar que nem todo estrangeiro é melhor que um brasileiro. O problema está na falta de renovação e de estudo contínuo entre parte dos técnicos nacionais. Muitos também são prejudicados pela instabilidade dos clubes, que demitem treinadores rapidamente e não mantêm projetos de longo prazo. O Brasil ainda tem profissionais capazes, mas é necessário investir mais na formação, na análise de dados, no intercâmbio com outros países e na atualização dos métodos de trabalho. Os clubes não devem escolher um treinador apenas pela nacionalidade. Devem buscar competência, planejamento e capacidade de adaptação. O futebol brasileiro precisa preservar sua criatividade, mas também abandonar práticas ultrapassadas.

» **Marcelo Galimberti Nunes**
Sudoeste

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A. Press Multimídia
Atendimento pessoal para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br